

**USOS DIALETAIS E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA TELENOVELA  
“JOIA RARA”**

***DIALECTAL USES AND LINGUISTIC PREJUDICE ON TELENOVELA “JOIA  
RARA”***

Fabiana Pelinson<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar uma análise da personagem Zefinha da telenovela “Joia Rara” (2013), a partir de seus usos dialetais, de estereótipos e do preconceito linguístico perceptíveis na trama. Como aportes teóricos são utilizados os conceitos de preconceito, a partir de Crochík (1995) e de preconceito linguístico, com base em Bagno (2006). Como consideração final reforça-se a ideia de que a telenovela, ao caracterizar essa variação linguística em casos isolados e ao trazer para a esfera pública algumas características mais marcantes do dialeto em questão, reforça o preconceito que pesa sobre este, já que o classifica como uma minoria inferior inserida na sociedade, considerada modelo.

**Palavras-chave:** telenovela; preconceito linguístico; estereótipo; dialeto; Joia Rara.

**Abstract:** This article presents an analysis of Zefinha, a character of Brazilian soap “Joia Rara” (2013), from the dialectal uses, stereotypes and perceived linguistic prejudice in the plot. As a theoretical framework it was used the concepts of prejudice from Crochik (1995) and linguistic prejudice based on Bagno (2006). The final consideration reinforces the idea that the soap to characterize this linguistic variation in individual cases and to bring into the public sphere some more striking features of the dialect in question reinforces the prejudice that weighs on this, as the ranks as an inserted lower minority in society, considered a model.

**Keywords:** soap; linguistic prejudice; stereotype; dialect; Joia Rara.

## **Introdução**

A língua(gem) está presente em nossas vivências psicológicas, físicas, sociais, políticas e culturais. Nos constituímos como sujeitos na e pela linguagem. Considerando a concepção Pragmática<sup>2</sup> de língua e os estudos

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).Mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro do grupo de pesquisa Mídia, linguagem e educação (Meduc).

<sup>2</sup> Perspectiva de uso geral da linguagem na comunicação que se volta para o uso que os usuários fazem da língua, segundo suas escolhas em situações comunicativas concretas. A abordagem pragmática busca capturar a situação e o contexto como um todo. O protagonista, para a Pragmática, não é nem a língua, nem a situação, mas o usuário e suas condições situacionais. O centro da reflexão é o sujeito da linguagem, as condições de produção dos enunciados, o social, as relações de sentido estabelecidas entre os interlocutores, etc.

referentes à relação linguagem, sujeito e sociedade, entende-se que o que o indivíduo faz ao usar a língua não é mera tradução ou exteriorização de um pensamento, mas a realização de ações e atuação sobre o interlocutor.

Diante desta concepção interacionista, entende-se a língua como um objeto heterogêneo, com história e referência social, e que, conforme Bagno (2006) está em constante mudança e depende das pessoas que a falam, como do contexto em que é utilizada.

Essa heterogeneidade da língua faz do Brasil um país plurilíngue. Segundo Bagno (2006), o alto grau de diversidade e de variabilidade faz com que, além do português, nosso território possua aproximadamente 180 dialetos. Muitos destes dialetos são explorados de maneira diversa e até contraditórias pelos meios de comunicação.

As variantes dialetais e seus múltiplos usos são facilmente observáveis nos meios de comunicação, sobretudo nas novelas, na publicidade, nas entrevistas informais e programas musicais. As novelas, por exemplo, utilizam-se de dialetos e sotaques para dar verossimilhança aos personagens fazendo-os aparentar naturalidade. No entanto, ao mesmo tempo em que incorpora em sua prática diária determinada forma linguística, a mídia, paradoxalmente, “mantém um nível doutrinário, a defesa de um português puro, correto, estabelecido a partir das gramáticas tradicionais, mostrando grande preconceito particularmente com as variedades populares” (BRITTO, 1997, p. 188).

O uso destas vozes dialetais nos meios de comunicação levanta questões intrigantes, principalmente porque se tem consciência de que a mídia utiliza estas falas como um jogo de persuasão a fim de atingir determinados segmentos sociais e de que existe um tipo de expressão linguística considerada de prestígio na sociedade.

A partir disso, as questões que nos propomos refletir são as seguintes: a) como os usos dialetais e o sotaque são apresentados na telenovela “Jóia Rara”, exibida em 2013 pela Rede Globo? b) em que medida esse mesmo uso

contribui para a construção de estereótipos<sup>3</sup>? e c) a evidência de determinada voz dialetal, historicamente estigmatizada, contribui para a desconstrução do preconceito linguístico? A análise debruça-se sobre os usos linguísticos da personagem Zefinha, uma nordestina que vai para o Rio de Janeiro em busca de ascensão social e, para isso, tenta esconder suas origens nordestinas.

### Considerações sobre a linguagem

Historicamente, conforme Koch (2002), a linguagem humana foi concebida basicamente de três maneiras: 1) como representação do mundo e do pensamento; 2) como instrumento da comunicação; e 3) como forma de ação e interação verbal.

Inicialmente, concebia-se a linguagem como uma expressão do pensamento. Nessa perspectiva, o fenômeno linguístico é reduzido a um ato racional, individual, “que não é afetado por outros falantes, nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece” (Travaglia, 1997, p. 21). Segundo essa concepção, a língua é um sistema de normas acabado, que não sofre interferências da sociedade e dos seus falantes. Assim, a Gramática Normativa divide os fenômenos linguísticos em “certos” e “errados”, privilegiando determinadas formas em detrimento de outras. Em decorrência disso, considera-se apenas a variedade padrão<sup>4</sup> como a “correta”.

Para a segunda concepção, que tem como principais estudiosos Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, a língua representa um sistema organizado de signos que tem como principal função servir como meio de comunicação aos indivíduos. Desse modo, a língua possibilita que o emissor transmita mensagens ao receptor. Portanto, os estudos linguísticos ficam

---

<sup>3</sup> Elementos do preconceito que ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade, agindo, inclusive, a serviço do *status quo* na manutenção das relações de poder, desigualdade e exploração.

<sup>4</sup> Também chamada de norma culta. Associada à escrita e à gramática tradicional, a língua padrão é a língua do poder político, econômico e social.

restritos ao processo interno de organização da língua, desconsiderando seu conteúdo, significação e elementos extralinguísticos, como o contexto do uso. Como explica Orlandi (1986), os recortes realizados por Saussure e Chomsky ignoram a situação real de uso e isolam o homem de seu contexto social, uma vez que não reconhecem as condições de produção dos enunciados.

A terceira concepção, também conhecida como visão pragmática e performativa, vê a linguagem como uma forma ou um processo de interação. Essa concepção situa a linguagem como um lugar de interação e de constituição de relações sociais.

No centro dos estudos estão os sujeitos, as condições de produção dos enunciados, o social, a intenção, o contexto<sup>5</sup>, as relações estabelecidas entre os interlocutores, etc. Koch (1992, p. 9) define a linguagem “como atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada” e também como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos indivíduos reações e/ou comportamentos.

Além disso, a linguagem carrega a história cultural da comunidade de falantes que a utiliza, na medida em que nela mesma estão contidas sua origem e matriz cultural. Neste sentido, concorda-se com Mey (1993) de que os contextos são diferentes para cada indivíduo, pois em cada comunidade de falantes há o compartilhamento de algumas regras e condições de vida, sejam elas sociais, políticas e/ou culturais. Entretanto, mesmo pertencendo a uma mesma comunidade, cada pessoa possui uma história de vida própria e as experiências e informações armazenadas ao longo da vida são diferentes ou possuem graus díspares de relevância. Sob essa lógica, as mensagens são interpretadas de modos individuais.

---

<sup>5</sup> O contexto não é, necessariamente, um ambiente físico, mas também as condições de naturezas sociais, cognitivas ou psicológicas que regem as situações de uso da linguagem, e que permite a comunicação dos falantes envolvidos no processo de interação, pois torna suas sentenças linguísticas compreensíveis. Mey (1993) acrescenta que o contexto não é apenas um alargamento da perspectiva sentencial, mas é o ambiente social total, em que o evento e o discurso ocorre. Um contexto é dinâmico, é do ambiente que está em constante desenvolvimento, solicitado pela interação contínua das pessoas envolvidas no uso da língua. O contexto é o conceito pragmático por excelência; é, por definição, pró-ativo, assim como as pessoas são (MEY, 1993, p. 10).

Considerando esse ponto de vista pragmático e performativo da linguagem, entende-se que a norma culta não representa o único uso “correto” da língua, já que as variações linguísticas possuem a mesma expressividade e comunicabilidade que a norma padrão.

### **Variações linguísticas: usos dialetais e sotaque**

Toda língua possui variações linguísticas que podem ser compreendidas por meio de sua história no tempo e no espaço. Todas as variações de língua dialogam entre si e estabelecem relações de valor umas com as outras. No entanto, algumas variedades são, socialmente, consideradas “boas”, como a língua padrão, e outras, com menor prestígio, como o dialeto nordestino, são consideradas “erradas” ou “inferiores”. Essa divisão entre uma “melhor” ou “pior” língua só fortalece a construção do preconceito linguístico.

Para Maia (2010), é muito antiga a tradição de distinguir a língua associada ao símbolo de poder dos dialetos. Os dialetos constituem uma variação de vocabulário e gramática de determinada língua, de uma região específica. Entretanto, o uso do termo sempre foi carregado de preconceito cultural e associado a uma maneira errada ou feia de falar. De acordo com Bagno (2006), todas as variações da língua são iguais, têm seu valor e são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação com seus falantes.

Essa separação entre língua e dialeto é eminentemente política e a “eleição” de determinada variação como língua oficial renega todas as outras variantes linguísticas de um mesmo território à terrível escuridão de um não-ser (MAIA, 2010). A referência que vem das classes dominantes cria aos falantes das variedades desprestigiadas um complexo de inferioridade, uma baixa autoestima linguística. Muitos destes dialetos são pronunciados com sotaques regionais. O sotaque, como explica Monteiro (2000), refere-se às diferenças de pronúncia, variedade que é foneticamente e/ou fonologicamente distinta de outras variações.

Como toda variação, a utilização de determinados sotaques também pressupõe uma hierarquia, de modo que o sotaque carioca tem muito mais prestígio socialmente que o sotaque caipira, por exemplo.

### **Definições de preconceito e preconceito linguístico**

Embora seja manifestado individualmente e corresponda às necessidades irracionais dos sujeitos, o preconceito surge durante o processo de socialização, como resposta aos conflitos presentes devido à luta pela sobrevivência em uma cultura<sup>6</sup> e sociedade que variam historicamente (CROCHÍK, 1995).

Trata-se, portanto, de um fenômeno gerado pela relação entre indivíduo e sociedade, entendido a partir do diálogo entre as dimensões psicológica e social. Esse olhar sociopsicológico demonstra que o preconceito não pode ser explicado apenas por uma imputação de culpa ao indivíduo, mas sim, à cultura e a sociedade, que criam e mantêm o fenômeno.

A partir de contribuições teóricas de autores como Adorno e Horkheimer (1950; 1965) e Crochík (1995), entende-se que o que leva o indivíduo a ser preconceituoso ou não, pode ser encontrado no seu processo de socialização<sup>7</sup>. Assim sendo, o preconceito diz mais respeito às necessidades do preconceituoso do que às características de seus objetos, porque o estereótipo presente nele geralmente diz respeito à percepção ou projeção do preconceituoso (CROCHÍK, 1995).

Sobre a sensação de superioridade do preconceituoso em relação ao objeto vítima do preconceito, como ocorre com os falantes das variações linguísticas desprestigiadas, Crochík (1995) afirma que este sentimento é

---

<sup>6</sup> A partir da perspectiva de Williams (1992), cultura é entendida como uma força produtiva, essencial na produção de nós mesmos e da sociedade. Aqui, cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Isto é, todas as culturas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas.

<sup>7</sup> Entendido por Crochík (1995) como fruto da cultura e da história, que varia historicamente dentro da mesma cultura e em diferentes culturas.

resultado de uma cultura que sustenta a luta de todos contra todos e o poder sobre o mais fraco. Dito de outro modo, a falta de pertencimento e identificação do indivíduo à cultura revela a presença de preconceitos nos sujeitos.

Elemento do preconceito, produzido e fomentado pela cultura, o estereótipo representa a forma mais característica do sujeito se relacionar com a sociedade. Partindo da perspectiva de Bhabha (1998), o estereótipo configura-se como um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, criado pelo discurso colonial como forma de legitimar a conquista e a dominação com base na inferioridade racial dos colonizados.

Segundo o autor, além de ser uma simplificação, o estereótipo é uma representação falsa da realidade e também uma forma de representação que rejeita a alteridade. O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação, mas porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença, constitui um problema para a representação do sujeito.

Considerando essa concepção de preconceito e de estereótipo pode-se entender o preconceito linguístico como um pré-julgamento do uso linguístico de outro indivíduo. Nessa conduta, o preconceituoso se acha linguisticamente superior ao sujeito vítima e se vê melhor como indivíduo. Entende-se também, conforme exposto por Bagno (2006), que o preconceito linguístico se sustenta na confusão entre língua e gramática normativa.

O preconceito linguístico, portanto, se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse “padrão” é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia e rudimentar (BAGNO, 2006).

A difusão do preconceito linguístico é uma das marcas da formação histórica brasileira.

Desde o Diretório dos Índios, decretado pelo Marquês de Pombal no século XVIII para proibir o ensino das línguas indígenas e impor o português, passando pelo extermínio sistemático de centenas de povos indígenas e suas línguas, pela distribuição dos escravos

africanos em lotes contendo indivíduos que não falavam as mesmas línguas, chegando ao século XX com o “crime idiomático” definido pela ditadura Vargas para coibir o uso do alemão, do italiano e outras línguas de imigração durante a II Guerra Mundial (BAGNO, 2011, p. 1).

Isto é, historicamente, as línguas do povo brasileiro estão marcadas por diversas ocorrências de construção e manutenção do preconceito linguístico. Entretanto, ainda conforme o autor, em sua versão mais recente, a difusão do preconceito parece ser motivada por uma reação de alguns setores da elite social contra o nivelamento sociolinguístico que vem sendo detectado há pelo menos cinquenta anos na sociedade brasileira, devido, sobretudo “ao processo de interna urbanização da nossa população, que trouxe para as grandes cidades as variedades linguísticas mais estigmatizadas” (BAGNO, 2011, p. 1).

Ao longo da história, mitos como “português é muito difícil” e “as pessoas sem instrução falam tudo errado” são transmitidos e perpetuados pela sociedade e, em maior ou menor grau, contribuem para um círculo vicioso de preconceito. Bagno (2006) defende que esse círculo vicioso se forma pela união de três elementos: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. Assim, a gramática tradicional inspira a prática de ensino que provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores – fechando o círculo – recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua.

Embora os meios de comunicação não façam parte dos elementos do círculo vicioso do preconceito proposto por Bagno (2006), eles assumem um papel importante na formação de opinião de telespectadores, ouvintes ou leitores. Diante disso, Bagno (2006) demonstra que a mídia se encontra na contramão da história quando o assunto é a língua, e que os comunicadores, de maneira geral, estão despreparados para tratar do tema.

Se falo de contramão é porque — passados mais de cem anos de surgimento, crescimento e afirmação da Linguística moderna como ciência autônoma —, a mídia continua a dar as costas à investigação científica da linguagem, preferindo consagrar-se à divulgação e



sustentação das “superstições, mitos e estereótipos” que circulam na sociedade ocidental há mais de dois mil anos (BAGNO, 2006, p. 150).

Assim sendo, alguns veículos de comunicação ainda mantêm a defesa de um português considerado puro, “correto”, baseado nas gramáticas tradicionais e que contribuem para a (re)construção do preconceito linguístico.

### **O uso de variações linguísticas nos meios de comunicação**

A defesa de uma “língua” supostamente ameaçada tornou-se mais audível e visível devido aos grandes meios de comunicação. A partir dos anos 1990, o fenômeno ganha espaço na mídia e os meios de comunicação assumem posição contra as variações da língua e a favor do “bom e puro” português.

Por influenciarem as opiniões e comportamentos dos indivíduos, o modo como formulam seu discurso sobre as variações da língua pode conduzir a uma construção ou desconstrução do preconceito linguístico. Muitas vezes, a influência dos veículos midiáticos colabora para a valorização da norma culta mesmo que veicule, em sua programação, as variantes da língua.

O curioso da utilização das variações linguísticas consideradas desprestigiadas pelos meios de comunicação é que esses usos representam uma forma de divulgação de produtos e eventos de toda a natureza. Ou seja, frequentemente, a mídia utiliza de vozes dialetais como um jogo de persuasão mais efetivo buscando atingir determinados segmentos sociais. Embora ganhem espaço na mídia, geralmente, essas manifestações languageiras são abordadas de forma grotesca, irônica e estereotipada.

Um exemplo é a fala nordestina representada nas telenovelas brasileiras.

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado

para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste (BAGNO, 2006, p. 44).

Deste modo, se o Nordeste é “atrasado”, “pobre” e “subdesenvolvido”, então, naturalmente, as pessoas de lá e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim (BAGNO, 2006).

Para Borelli (2006), gêneros ficcionais televisivos, como as novelas, ativam mecanismos de projeção e identificação de modo que há uma linha tênue entre realidade e ficção. Desse modo, as novelas funcionam como um suporte na composição do imaginário e, sendo o imaginário uma representação da realidade, há uma tendência de se pensar que o conteúdo veiculado é a expressão daquilo que vivenciamos cotidianamente. Tesche (2000) reforça essa ideia quando afirma que a telenovela trabalha o imaginário do espectador somando aos seus anseios, necessidades, preocupações e desejos de outra realidade também cotidiana como espaço de construção de empatia em que ele vê, mas também é visto.

As variações linguísticas nas telenovelas são, geralmente, utilizadas para dar verossimilhança aos personagens. Entretanto, ao invés de causar no telespectador uma sensação de ambiência realista, os usos linguísticos carregados de dialetos e sotaques são arremedos, geralmente mal feitos, do linguajar de determinadas regiões e épocas retratadas.

### **Contextualização da telenovela “Joia Rara”**

A telenovela “Joia Rara”, produzida e exibida pela Rede Globo, entre 16 de setembro de 2013 e 04 de abril de 2014, foi escrita por Duca Rachid, Thelma Guedes e Thereza Falcão, com a colaboração de Manuela Dias, Luciane Reis, Camila Guedes, Alessandro Marson e Newton Cannito. Exibida no horário das 18h, a novela tinha direção de Paulo Silvestrini, Joana Jabace, Enrique Diaz, Fábio Strazzer, com direção geral de Amora Mautner e direção

de núcleo de Ricardo Waddington. Os principais papéis da trama eram interpretados por Bruno Gagliasso, Bianca Bin, Carolina Dieckman, Domingos Montagner, Mel Maia, Carmo Dalla Vecchia, Nathália Dill, Nelson Xavier e José de Abreu.

A média geral de audiência na semana de estreia foi um pouco abaixo do esperado pela emissora. A trama alcançou 18 pontos de média semanal, sendo considerada o segundo pior desempenho da faixa das 18h, já que a meta de audiência estipulada pela Rede Globo para o horário é de 25 pontos.

Referente à produção da telenovela, foram realizadas gravações, durante 30 dias, no Nepal. Foram usadas como locação as cidades Catmandu, Patan e Bhaktapur e cerca de 200 nepalenses participaram das gravações como figurantes.

A trama conta a história de dois casais: Franz e Amélia, que se apaixonam, mesmo sendo de classes sociais distintas. Desse amor nasce Pérola, uma criança carinhosa e esperta. O outro casal, Iolanda e Mundo, compartilham com Franz e Amélia o mesmo obstáculo para ser feliz: Ernest, o pai de Franz. Ernest, poderoso dono da joalheria e da fundição Hauser, faz de tudo para separar Franz de Amélia e ter a guarda da neta, e por isso incrimina Amélia, colocando-a na cadeia injustamente por achar que o filho deve ter como esposa alguém de sua classe social.

Com Amélia presa, Franz se casa com Sílvia, uma mulher que teve a família destruída por Ernest e que agora planeja uma vingança. Sílvia se une a Manfred, filho bastardo e desprezado de Ernest, e juntos os dois planejam desestabilizar a família Hauser. Mas não é só Amélia que é vítima de Ernest. O vilão se apaixona por Iolanda e a obriga a se separar de Mundo, ameaçando deixar sua família na miséria, caso a moça não aceite seu pedido de casamento. Sem alternativas, Iolanda se casa com Ernest. Ela sofre muito, mas mantém seus princípios intactos.

A luz dessa família disfuncional é Pérola, filha de Franz e Amélia. Pérola é uma criança valiosa e especial, fato que é explicado pelos monges: ela seria a reencarnação de Ananda. Pérola tem como missão ensinar as pessoas a

amarem incondicionalmente e fará com que o avô Ernest seja tocado por sua ternura e afeição.

É importante salientar que não se considera, neste artigo, as telenovelas como produtos alienantes e manipuladores, mas pressupõe-se o entendimento de que os receptores possuem meios de resistir, e até, ressignificar, os conteúdos midiáticos (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Assim, para a realização deste estudo, efetuaram-se recortes em determinados episódios da telenovela, enfocando a participação da personagem Zefinha na narrativa. A partir da escolha das cenas da referida novela e a transcrição dos registros discursivos, construiu-se um estudo de caso apresentando a utilização da fala nordestina. Além disso, é fundamental frisar que esta análise específica não pode, isoladamente, representar a utilização dos usos dialetais nas telenovelas brasileiras.

### **Análise da personagem Zefinha**

Interpretada pela atriz Cristiane Amorim, Zefinha é prima de Amélia, e vem do Nordeste para o Rio de Janeiro com o objetivo de ascender socialmente. Para isso, ela acredita que precisa esconder, de qualquer jeito, suas origens nordestinas. Zefinha é atrapalhada, estridente, um tanto espalhafatosa, e aproxima-se da caracterização de Bagno (2006), já que a personagem, muitas vezes, cria o riso e o deboche dos outros personagens da trama e do público em geral.

Zefinha também confirma outros estereótipos relacionados à imagem do nordestino nas telenovelas brasileiras. Segundo Freire (2013), na maior parte das novelas, os nordestinos compõem os papéis de ocupações subalternas e socialmente desvalorizadas, ligadas, sobretudo, ao trabalho manual e precarizado. É o caso de Zefinha, que depois de passar um tempo desempregada, torna-se copeira na mansão de Manfred. Ou seja, numa referência direta ao lugar e a posição social dos nordestinos, essa representação só reforça a demarcação da inferioridade do Nordeste. Freire

(2013) ressalta ainda que os nordestinos atuam como personagens secundários que tem a função de dar um toque menos grave e mais ameno ao roteiro.

A personagem tenta esconder as suas origens nordestinas, por considerar a região “atrasada” e “subdesenvolvida”. Durante a trama, ela, por diversas vezes, reproduz preconceitos como “No Nordeste não tem nada que preste” e que o “Lugarzinho é muito atrasado”<sup>8</sup>. Nessa visão, o Nordeste seria definido pela tradição colonial, pelo atraso, pelo rural. Por isso, seus habitantes não seriam os mais ajustados às ocupações e ao modo de ser modernos e civilizados.

Assim, segundo Freire (2013) os estereótipos e particularidades ganham sentido no interior de uma hierarquia de valores e imagens cuja função é reafirmar a superioridade civilizatória e demarcar a diferença de uma região particular em relação às demais.

As cenas analisadas encontram-se disponíveis no site da novela e foram selecionadas com o intuito de demonstrar os usos dialetais e de sotaque por construções estereotipadas: A) Zefinha diz a Ernest que Amélia e Manfred tiveram um namoro – 01’09” (04/03/2014)<sup>9</sup>; B) Zefinha conta a Benito que Manfred está escondendo Sílvia – 03’42” (12/02/2014)<sup>10</sup>; C) Zefinha avisa Franz sobre os planos contra ele – 03’11” (19/12/2013)<sup>11</sup>; D) Zefinha chama Pérola para ir até o cabaré – 01’15” (16/11/2013)<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/joia-rara/videos/t/cenas/v/zefinha-chama-perola-para-ir-ate-o-cabare/2960173/>>.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/joia-rara/videos/t/cenas/v/zefinha-diz-a-ernest-que-amelia-e-manfred-tiveram-um-namoro/3189770/#>>.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/joia-rara/videos/t/cenas/v/zefinha-conta-a-benito-que-manfred-esta-escondendo-silvia/3143724/>>.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/joia-rara/videos/t/cenas/v/zefinha-avisa-franz-sobre-os-planos-contra-ele/3030180/>>.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/joia-rara/videos/t/cenas/v/zefinha-chama-perola-para-ir-ate-o-cabare/2960173/>>.

Na primeira cena analisada, Zefinha conta a Ernest que Amélia e Manfred tiveram um rápido namoro.

*[Zefinha] Ói tá aqui seu Ernest, seu suquinho de laranja, seu café e seu leitchi, viu.*

*[Ernest] Obrigado.*

*[Zefinha] Não sei comé que o senhô vai conseguí tomá esse líquido todo. Óia, se eu tomasse esse aguaceiro eu ia morrê afogada.*

A personagem Zefinha, já no começo do enunciado, alterna o “lh” e o “i”: olha/óia. Essa alternância é comum no falar rural do brasileiro, e não especificamente do nordestino, conforme conclui Santos (2005). Ou seja, essa alternância não faz sentido a menos que Zefinha tenha vivido no interior do Nordeste, o que não é especificado pela trama. Zefinha também pronuncia a palavra “leitchi”, a pronúncia da vogal “i”, acarreta a palatalização da consoante “t”, que passa a soar como “leitchi”, um som que os linguistas chamam de “africano” e que é utilizado em certas regiões de São Paulo (CAMACHO, 2001).

No enunciado seguinte, Zefinha contrai as palavras “como é” em “comé” e outro aspecto que chama a atenção é a velocidade da fala da personagem, que se distingue muito do restante dos personagens. Ela ainda faz a redução do “r” do infinitivo ou de substantivos em “or/ar”, como em: tomar/tomá. Em outras palavras, o “r” de Zefinha parece ser surdo (/h), como em: morrê. Essa seria uma das características dos dialetos baiano, recifense e da costa norte do Nordeste.

Na cena exibida no dia 12 de fevereiro, temos as seguintes construções linguísticas:

*[Zefinha] Oxe, oxe, oxe. Epa, perainda. Então é tu. Quanto tempo que tu não dá as cara, Benito. Por onde tu andava, home?*

(...)

*[Zefinha] Sempre conversamo, ma nunca mais a gente converso, porque tu sumiu. Eu to aperreada com seu sumiço.*

Inicialmente, Zefinha utiliza uma interjeição muito popular da fala nordestina, o termo “oxe”. A expressão “oxe” tem seu significado proveniente de “ó gente”, e expressa uma sensação de estranheza e/ou surpresa. Novamente, a personagem contrai palavras, como em “perainda”. Há uma simplificação da concordância verbal em: dá as cara e a desnasalização das vogais postônicas: homem/home, características que são comuns a toda variação linguística, no entanto, só a personagem nordestina as utiliza.

Outro elemento característico da fala de Zefinha é a pronuncia aberta da vogal “a”, na palavra “conversamo”. Essa pronuncia mais aberta em determinadas vogais representa uma característica do dialeto baiano. A personagem também utiliza a palavra “aperreada”, muito utilizada na fala nordestina, e que significa agoniada, impaciente.

A terceira cena analisada refere-se à quando Zefinha avisa Franz sobre os planos contra ele.

*[Zefinha] Ontem na hora que eu tava indo pro baile, eu encontrei quatro homem com capuz na cabeça perto do cabaré. Eles tavam combinando de pegá Franz.*

*[Franz] Como é que é?*

*[Zefinha] Foi, eu ouvi, eu cheguei bem na horinha que eles tavam combinado de te pegar na hora que tu saísse, eles iam te levar pra um lugar bem longe, e dá um fim em você.*

Pode-se perceber que Zefinha usa o pronome de segunda pessoa “tu”, ao lado do pronome “você”, na sentença: “(...) tavam combinado de te pegar na hora que *tu* saísse, eles iam te levar pra um lugar bem longe, e dá um fim em *você*”. Esse uso é típico da fala de cearenses, e o uso de um ou outro pronome está relacionado ao nível de intimidade entre os interlocutores.

Já na cena em que Zefinha convida Pérola para ir até o cabaré, encontrou-se as seguintes sentenças:

*[Pérola] Brigada Zefinha, a sopa tava uma delícia.*

*[Zefinha] Tava, nunfoi? Receita de mainha lá do Nordeste.*

*(...)*

*[Zefinha] Ave Maria, num sei pá que. Lá no Nordeste não tem nada que preste.*

*[Pérola] Mas lá é terra da minha mãe, do meu tio..*

*[Zefinha] Ainda bem que num é mais, lugarzinho mais atrasado to pá vê.*

A personagem interpretada por Cristiane Amorim utiliza a expressão “mainha” para se referir a sua mãe. A utilização do “inha” ou “inho” é uma das características do dialeto baiano. Além disso, Zefinha assimila o “pra” em “pá”.

De maneira geral, pode-se perceber que a personagem aqui analisada faz uso de diversos dialetos pertencentes à região do Nordeste, ou seja, Zefinha utiliza expressões características do dialeto baiano, recifense, e da região Norte nordestina. Portanto, parece-nos que a telenovela considera o Nordeste como um bloco linguístico único, ignorando o mosaico linguístico que constitui essa região. Além disso, há certa confusão, pois, a personagem também utiliza o dialeto paulista e caipira.

Muitas das marcas e usos linguísticos encontrados na fala de Zefinha, como a alternância do “lh” e “i”, a simplificação da concordância, e o uso do “r” pelo “l” em final de sílaba e nos grupos consonantais, são traços comuns que podem ser encontrados em diversas variações e dialetos, e não somente no nordestino. No entanto, é possível notar que essas ocorrências só estão presentes na fala da personagem nordestina. Haveria aí uma relação entre linguagem e papel social.

Em suma, a fala dialetal apresentada pela personagem, é uma fala desvalorizada pelos outros personagens e, inclusive, pela própria trama, pois é



usada, diversas vezes, para quebrar o clima “pesado” de algumas cenas. Ou seja, nessas situações, a fala dialetal é usada para provar o riso e o deboche.

Em diversas situações ela se refere ao Nordeste como um lugar atrasado e subdesenvolvido. Assim, não só a personagem demonstra a “inferioridade” dessa fala dialetal no seu discurso, como também ajuda a manter o preconceito, na medida em que apresenta uma imagem estereotipada (o nordestino está sempre em segundo plano, só serve para o deboche, atua profissionalmente em funções desvalorizadas socialmente, etc).

Desta forma, entende-se que a novela mostra uma fala dialetal que é estigmatizada pela sociedade. Esse dialeto ao ser evidenciado pela telenovela em questão contribui para a construção e a manutenção do estigma, ou seja, o produto acentua o preconceito. Ainda, ao tentar esconder suas origens nordestinas, a personagem nega a sua marca de identidade pessoal e social, ou seja, Zefinha se sente inferior ao manifestar a sua fala.

## **Conclusão**

Considerando a língua como um fator social e essencialmente humano, abordamos a questão do preconceito linguístico nos meios de comunicação, e mais especificamente nas telenovelas, por entendermos a relevância e a dimensão que essas variações linguísticas representam para a identidade cultural e para a historicidade das comunidades regionais.

Esse preconceito, enraizado na sociedade, é mantido e reforçado por escolas, métodos de ensino e mídia que distorcem o conceito de língua fazendo com que a sociedade, de maneira geral, acredite em um único conceito de língua e passe a menosprezar as demais variações.

Com a realização das análises podemos indiciar o preconceito linguístico que a telenovela “Joia Rara”, por meio da personagem Zefinha, manifesta em relação ao dialeto nordestino. Isso porque a telenovela, ao caracterizar essa variação linguística em casos isolados e ao trazer para a esfera pública algumas características mais marcantes do dialeto em questão, como a

pronúncia aberta de determinadas vogais, reforça o preconceito que pesa sobre este já que o classifica como uma minoria inferior inserida na sociedade, considerada modelo.

Ainda, o produto midiático passa a ideia de homogeneidade do Nordeste, representado por um bloco linguístico único e cria estereótipos baseando-se no critério de prestígio social, isto é, trata-se da lógica de que não importa o que a pessoa fala, mas quem é e de onde fala. Assim, diante de tantas evoluções, é inadmissível que atitudes preconceituosas como estas continuem povoando nossa língua.

## Referências

ADORNO, Theodor. et. al. Los prejuicios através de las entrevistas. In: ADORNO, Theodor. et. al. **La Personalidad Autoritaria**. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1950/1965.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **A língua, a mídia & a ordem do discurso**. Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.marcosbagnoc.com.br/site/uploads/lingua-midia-ordem.pdf>>. Acesso em: 10 de mar. 2014.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Telenovelas brasileiras**: territórios de ficcionalidade, universalidades e segmentação. Chile: Anais da ALAIC, 2006.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos**: ensino de língua versus tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

CAMACHO, Roberto. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

CROCHÍCK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

FREIRE, Alyson. **O nordestino na Globo**: novos personagens, velhos estereótipos. São Paulo: Carta Potiguar, 2013. Disponível em: <<http://www.cartapotiguar.com.br/2013/04/11/o-nordestino-na-globo-novos-personagens-velhos-esteriotipos/>>. Acesso em: 07 de fev. 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

MAIA, Ileana. **Preconceito que cala, língua que discrimina**. Rio de Janeiro: Brasil de Fato, 2010. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/5396>>. Acesso em: 11 de fev. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MEY, Jacob. **Pragmatic**: and introductions. London: Blackwell, 1993.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é lingüística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, Tânia Ferreira Rezende. **Falares rurais brasileiros**. Goiás: UFG, 2005.

TESCHE, Adayr. A construção do texto narrativo em *Terra Nostra*. In: TESCHE, Adayr. et. al. **Mídias e processos de significação**. Porto Alegre: Unisinos, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Artigo recebido em 15/09/2015

Artigo aceito em 25/05/2016